



Manual do uso da **línguagem inclusiva** na IECLB e outras questões







Manual do uso da **linguagem inclusiva** na IECLB e outras questões



2025

Manual do uso da linguagem inclusiva na IECLB – e outras questões – 2025

©Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Rua Senhor dos Passos, 202, 4º andar

90020-180 – Porto Alegre – RS – Brasil

Fone: +55 51 3284 5400

secretariageral@ieclb.org.br

www.luterano.org.br

Coordenação geral: Carmen Michel – Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias da Secretaria da Ação Comunitária

Produção de conteúdo: Susanne Buchweitz

Produção editorial: Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias da Secretaria da Ação Comunitária e GT da Política de Justiça de Gênero da IECLB

Revisão final: Carmen Michel e Susanne Buchweitz

Projeto gráfico e diagramação: Cristina Pozzobon - Patativa Letra e Arte

Ilustrações: Cristina Pozzobon e Freepik

Revisão ortográfica: Susanne Buchweitz

A produção deste manual contou com a colaboração e a leitura de diversas pessoas comprometidas com a justiça de gênero, a comunicação inclusiva e o fortalecimento da vida comunitária na IECLB, conforme citadas na parte de agradecimentos.

Esta publicação está disponível em formato PDF no endereço www.luterano.org.br.
A reprodução parcial ou total é permitida, desde que indicada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Manual do uso da linguagem inclusiva na IECLB e outras questões /
coordenação Carmen Michel.

-- São Leopoldo, RS : Editora Sinodal, 2025.

ISBN 978-65-5600-111-1

1. Educação - Aspectos religiosos 2. Educação inclusiva - Brasil
3. Literatura devocional I. Michel, Carmen.

25-313384.0

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação inclusiva 370.115

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

Apresentação

A comunicação é fundamental para o nosso convívio. É por meio dela que estabelecemos nossas relações, compartilhamos ideias, sentimentos e valores cristãos.

A linguagem que usamos na comunicação revela muito sobre o mundo que queremos construir. Por meio dela, expressamos nossa fé e o testemunho do amor de Deus.

Com as palavras, podemos acolher, incluir e dar visibilidade — ou podemos calar e excluir. Este manual de linguagem inclusiva é um convite para que, como Igreja, escolhamos palavras que expressem cuidado, dignidade e equidade. Que nossas falas e escritos sejam sinais vivos do Evangelho que liberta e acolhe.

Inspirado na promessa bíblica “Chamei-te pelo teu nome” (Isaías 43.1), este material nasce do compromisso da IECLB com a justiça de gênero, conforme a Política de Justiça de Gênero, aprovada no XXXIII Concílio da Igreja, em 2022. Ele

oferece orientações práticas e acessíveis para o uso de uma linguagem que reflita o amor de Deus em nossos textos, cultos e relações cotidianas.

Falar de modo inclusivo é um gesto de fé, amor e justiça. É reconhecer que todas as pessoas têm nome, história e lugar — mulheres e homens, crianças, jovens, pessoas idosas, negras, indígenas, com deficiência e tantas outras identidades que refletem a integralidade da Criação.

Que este material nos inspire a fazer da linguagem um instrumento de justiça, comunhão, empatia e transformação. Que cada palavra dita ou escrita seja expressão da Graça de Deus, que chama, inclui e renova a vida.

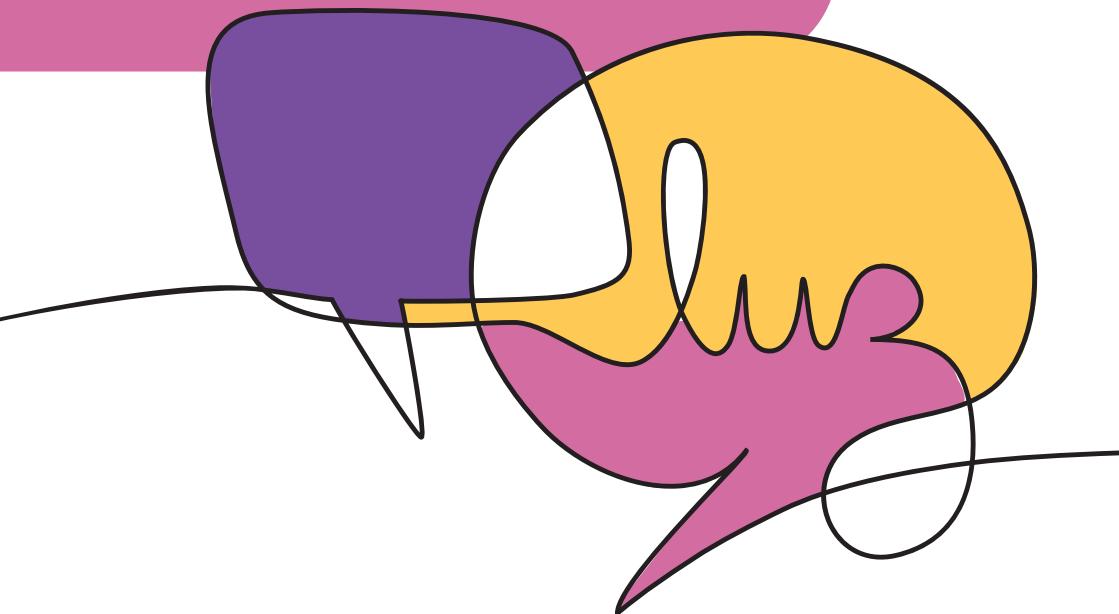
Pastora Sílvia Beatrice Genz
Pastora Presidente da IECLB

Pastora Carmen Michel
Coordenadora de Gênero, Gerações e Etnias
Secretaria da Ação Comunitária da IECLB

Sumário

Linguagem inclusiva – Deus nomina a sua Criação	8
Um gesto de justiça e de amor	10
O princípio 7 da Política de Justiça de Gênero na IECLB	11
Por que usar a linguagem inclusiva na IECLB?	12
Visibilidade <i>versus</i> invisibilidade	13
Estou escrevendo ou falando errado?	17
Linguagem inclusiva: chato <i>pra quem?</i>	19
Linguagem inclusiva na Liturgia	20
Linguagem inclusiva na Comunicação e em documentos institucionais	25
X e @ – incluem?	28
E sobre o uso do “e”?	29
Outras questões	30
Comunicação não violenta	30
Combatendo preconceitos, desconstruindo o racismo e o capacitismo	32
Dinâmicas de formação	38
Luz e voz para nós!	38
Notas	41
Sugestões de leitura e <i>links</i>	42
Agradecimentos	45

**“Então Deus disse: Que haja luz!
E a luz começou a existir... Deus pôs
na luz o nome “dia” e na escuridão
pôs o nome de “noite”. (GÊNESIS 1,3,5)**



Linguagem inclusiva – Deus nomina a sua Criação

Carmen Michel e Samira Rossmann Ramlow

Nahistória da Criação, Deus nos ensina o poder do ato de nomear. Quando Deus disse “haja luz”, a luz

passou a existir. O simples ato de dizer o nome trouxe à existência o que antes não existia. E assim,

em cada palavra proferida, Deus cria, dá identidade e visibilidade ao que antes não tinha forma.

Chamar alguém pelo nome revela o cuidado e a presença de Deus em nossas vidas. Deus nos vê, nos ouve e nos reconhece em nossa individualidade. Como diz a Escritura: “Chamei-te pelo teu nome” (Isaías 43.1) – um chamar que expressa amor e propósito.

Isso fica evidente na vida e nos ensinamentos de Jesus, que, ao falar e agir, derrubava barreiras sociais e religiosas, trazendo para o convívio as pessoas que estavam à margem. Em Mateus 12.46-50, Jesus redefine os laços familiares e amplia a ideia de pertencimento, incluindo “irmãos, irmãs e mães” como quem faz a vontade de Deus. Em Lucas 10.4, Ele chama Marta pelo nome, demonstrando carinho e proximidade. E em João 20.16, Maria o reconhece como ressuscitado, quando Ele a chama pelo nome, mostrando que o encontro com Cristo é algo pessoal e transformador.

Na tradição luterana, a justificação pela graça por meio da

fé (Efésios 2.8) nos lembra que todas as pessoas são igualmente amadas e aceitas por Deus, independentemente de gênero ou papel social. Martim Lutero defendia que o Evangelho precisa ser acessível e compreensível para todas as pessoas, incentivando uma comunicação que reflita os sinais do Reino que Jesus nos ensinou: um Reino onde nenhuma pessoa é esquecida, pois “Deus não faz distinção de pessoas” (Atos 10.34).

A linguagem tem o poder de criar mundos, revelar identidades, dar vida. Se a linguagem molda a nossa realidade, como podemos ignorar aquelas pessoas que ficam sem nome em nosso discurso? Quando a linguagem se torna uma ferramenta de exclusão, ela silencia vozes, apaga histórias, e nega a existência de quem sempre esteve entre nós. Por isso, o compromisso com a inclusão também deve estar presente na forma como nos comunicamos, tornando nossa linguagem uma ferramenta de justiça, acolhimento, respeito e visibilidade.¹

Um gesto de justiça e de amor

“

A língua é um fato tão cotidiano que o assumimos como natural, sendo que poucas vezes nos detemos a perguntar-nos o alcance e a importância da mesma. [...] Mas, a linguagem não é algo natural e sim uma construção social e histórica, que varia de uma cultura para outra, que se aprende e que se ensina, que forma nossa maneira de pensar e de perceber a realidade, o mundo que nos rodeia e o que é mais importante: pode ser modificada.²

O que é afinal a linguagem inclusiva? Uma resposta mais formal diz que é uma comunicação que visa promover a representatividade e a inclusão de todas as pessoas, sem excluir nenhum grupo social. Para isso, ela leva em consideração aspectos como gênero, deficiência e etnia. Ela

pode ser aplicada tanto na escrita quanto na fala, e não exige necessariamente a criação de novas palavras.

No entanto, a ação de falar e escrever de forma inclusiva vai além – é uma questão de direito das outras pessoas de serem re-

conhecidas. Essa é a esperança: que o uso da linguagem inclusiva resulte na conscientização de nossos preconceitos e a partir daí nos torne responsáveis em transformar a realidade.

Este manual deseja ser um convite à reflexão e à promoção do uso da linguagem inclusiva na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), e está centrado no emprego conjunto de formas femininas e masculinas – como professora e professor – e no uso de termos genéricos – as pessoas daquele bairro estão sem água, ao invés de os moradores daquele

bairro estão sem água. Questões como a colocação de novas marcas no final das palavras – x, @, e – serão brevemente abordadas.

Outros temas que serão tratados são comunicação e preconceito e comunicação não violenta. No final do documento, estão disponibilizadas dinâmicas que contribuirão para o processo de compreensão e incorporação do que aqui se propõe. Também estão disponibilizadas fontes de consulta, referências e outros materiais complementares que auxiliarão no aprofundamento do assunto.

O princípio 7 da Política de Justiça de Gênero na IECLB

O Manual do uso da linguagem inclusiva na IECLB – e outras questões é um desdobramento da Política de Justiça de Gênero da IECLB, aprovada pelo XXXIII Concílio da Igreja, realizado em Cacoal/RO, em 2022. A Política de

Justiça de Gênero define “princípios para a Justiça de Gênero, reafirma sua base bíblico-teológica e apresenta estratégias para a implementação de ações justas e equitativas entre as pessoas nos diferentes âmbitos da IECLB”³

A política traz sete princípios e seus objetivos, que servem de orientação para implementar com-

promissos concretos com a justiça de gênero no âmbito da vida comunitária e institucional da Igreja.

O **Princípio 7** trata da linguagem inclusiva como instrumento para efetivar a justiça de gênero. Os seus objetivos são:



Garantir o uso da linguagem justa e inclusiva na forma falada, nomeando tanto o masculino quanto o feminino.



Garantir o uso da linguagem justa e inclusiva na forma escrita, nomeando masculino e feminino gramatical por extenso em documentos e publicações.



Promover formação sobre o uso da linguagem inclusiva como um instrumento de nomeação, visibilização e valorização de todas as pessoas.



Disponibilizar orientações para o uso da linguagem inclusiva e justa no testemunho de fé.

Por que usar a linguagem inclusiva na IECLB?

A Igreja faz parte da sociedade e, do mesmo modo, vive em constante transformação, num contínuo aprender, (des)aprender e (re)aprender. Mais do que uma questão de normas gramaticais, a linguagem inclusiva é,

como já foi dito, uma questão de amor, de reconhecimento, de inclusão, de justiça e de direito. Utilizar a linguagem inclusiva é garantir que todas as pessoas sejam nominadas e tenham seu valor reconhecido.

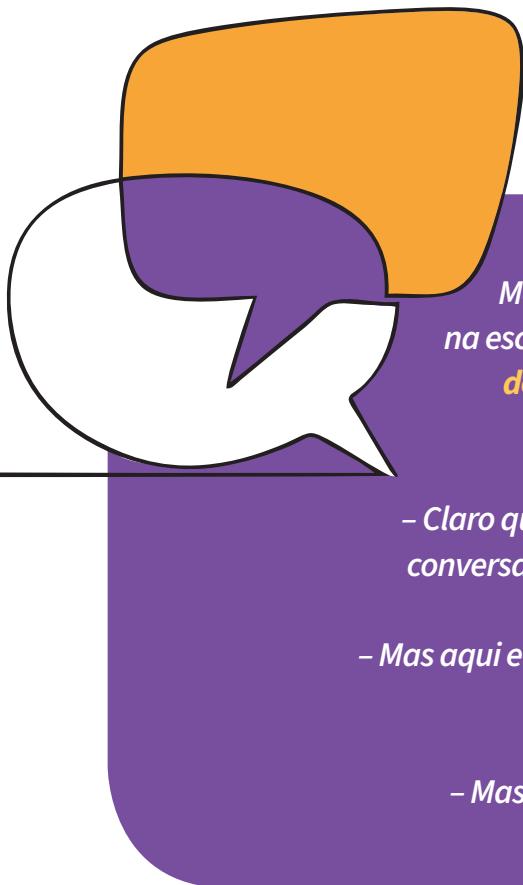
“Minha amiga foi convidada para participar de um chá na comunidade à qual recém havia se filiado. Chegando no salão, leu no cartaz que estava na entrada do salão: “Sejam todos bem-vindos!”. Mais tarde, contou:

- Primeiro, pensei, este não é um lugar para mim. Será que nem as mulheres, que ficam esquecidas e escondidas/invisíveis nesta fala, não percebem? Depois, pensei sobre como isso é algo naturalizado, e sim, muitas mulheres não se dão conta. Resolvi conversar com algumas, e a reação foi tão bonita! Saí de lá e o cartaz dizia: “sejam todas bem-vindas!” E para minha surpresa e alegria, fui convidada na semana seguinte pelo grupo para conversar mais sobre o que havia acontecido e sobre linguagem inclusiva.

Visibilidade versus invisibilidade

A questão da linguagem inclusiva tem sido tema de estudos, debates, artigos e publicações de linguistas e analistas do discurso há anos, em várias partes do mundo, também no Brasil, a partir de demandas e do que acontece na sociedade. As mulheres existem! E muitas já não

se sentem incluídas no uso da forma masculina, que supostamente é neutra – a partir da ideia de que a forma masculina inclui tanto homens quanto mulheres. Para os homens, por sua vez, essa forma de falar é confortável porque é conhecida e “sempre foi assim”.



*Meu filho de oito anos recebeu na escola o convite para a **reunião de pais e mestres**. Sua reação imediata foi – a minha mãe não pode vir?*

– Claro que pode, é uma reunião para conversar sobre como vocês estão na escola, então, ela pode vir.

*– Mas aqui ela não pode, está escrito que o **convite é para os pais**.*

– Mas ela pode vir.

– Mas então o convite está errado.

Imaginemos que, durante um encontro sobre autocuidado, com mulheres e homens presentes, a facilitadora diga: “as práticas do cuidado e do autocuidado têm sido jeitos de conhecermos melhor a nós mesmos, a nossos amigos, de criar uma vida mais plena para todos nós”.

Do mesmo modo, durante um encontro sobre o mesmo tema, também com mulheres e homens presentes, outra facilitadora diz: “as práticas do cuidado e do autocuidado têm sido jeitos de conhecermos melhor a nós mesmas, a nossas amigas, e criar uma vida mais plena para todas nós”.

“

Gramaticalmente, dar prioridade a um gênero é obviamente mais simples. Isso pode não ser importante quando falamos de carros e bicicletas, mas quando falamos de 1 milhão de mulheres e um homem pelo pronome masculino ‘eles’, esta escolha pode ser interpretada como discriminatória e pode ter consequências sociais importantes.”⁴

Enquanto a fala no primeiro exemplo é feita a partir da suposta neutralidade do masculino, quando o masculino é considerado o representante oficial do

feminino, assumida como inclusiva, a fala no segundo exemplo causaria estranhamento e dificilmente seria aceita. Mas, e se essa fosse a regra?



Vejamos algumas opções para evitar os supostos genéricos masculinos, levando em conta três orientações:

Nas situações de fala e de escrita, procura-se **utilizar as formas femininas e masculinas por extenso**. Em textos, recomenda-se evitar o uso de parênteses – como professoras(es) – e de barras diagonais – como professoras/es.

De preferência, **usar as formas femininas antes das masculinas**, seguindo também a ordem alfabética.

Algumas palavras contribuem naturalmente para uma comunicação mais inclusiva, como pessoas, juventudes e humanidade. Elas podem ser boas aliadas na redação.

Linguagem não inclusiva	Linguagem inclusiva
A celebração foi conduzida por ministros da comunidade e ministros convidados.	A celebração foi conduzida por ministras e ministros da comunidade e ministras e ministros convidados.
Ao meio-dia será servido um café para todos os participantes.	Ao meio-dia será servido um café para as pessoas participantes.
Os gaúchos sofreram enormemente com a catástrofe climática ocorrida em maio.	A população gaúcha sofreu enormemente com a catástrofe climática ocorrida em maio.
Professores conversaram com os alunos sobre as provas finais do semestre.	Professoras e professores conversaram com alunas e alunos sobre as provas finais do semestre.
Este departamento trata de serviços ao cidadão , direitos do cidadão, direitos do consumidor.	Este departamento trata de serviços à cidadania , direitos das pessoas cidadãs e direitos das pessoas consumidoras .
A preocupação com o meio ambiente tem crescido entre os jovens da IECLB.	A preocupação com o meio ambiente tem crescido entre as juventudes ou as pessoas jovens da IECLB.
Sempre trabalhou cuidando dos outros.	Sempre trabalhou cuidando das outras pessoas .
Ela vai visitar os familiares no Natal.	Ela vai visitar a família no Natal.
A Associação ofereceu atividades diferenciadas para os seus residentes .	A Associação ofereceu atividades diferenciadas às pessoas residentes .
Os residentes mais idosos puderam ensinar e repassar técnicas do jogo aos mais novos .	As pessoas mais idosas puderam ensinar e repassar técnicas do jogo às mais novas .



Estou escrevendo ou falando errado?

As gramáticas tradicionais, que “determinam de forma ‘mandatória’ as normas do bem falar e escrever”, sempre tiveram a função de dizer o que era e o que não era a língua no Brasil, e como esta poderia ser ensinada e aprendida. Ali, não vamos encontrar muitos elementos da linguagem inclusiva. Mas a linguagem inclusiva está presente nas gramáticas elaboradas por pessoas pesquisadoras e estudiosas

da linguagem na atualidade, que trazem novas propostas sobre a linguagem no Brasil.

A língua é viva. É dinâmica. A linguagem inclusiva existe. No entanto, muitas pessoas resistem a mudanças e atualizações.

Em bom português, é correto escrever e falar usando a linguagem inclusiva – é simplesmente uma questão de aceitar o desafio.

A língua é um instrumento flexível, em evolução constante, que pode ser perfeitamente adaptada à nossa necessidade ou ao desejo de comunicar, de criar uma sociedade mais equitativa. Portanto, as línguas não

são inertes, e sim instrumentos em trânsito, pois se uma língua não mudar, se não evoluir para responder às necessidades da sociedade que a utiliza, está condenada a perecer, converte-se em uma língua morta.



ao

As línguas vivas mudam continuamente, incorporando novos conceitos e expressões e, nesse sentido, não há nenhum problema em criar palavras para adaptar-se à nova realidade social, como é o caso de toda a nova linguagem gerada pelo uso da Internet (e-mail, chat, web, on-line etc.) [...] Estes são exemplos de uma mudança nos usos da linguagem: o que antigamente se considerava como um erro gramatical hoje aparece como algo cotidiano.⁵



Linguagem inclusiva: chato pra quem?

Pessoas que resistem ao uso da linguagem inclusiva justificam com argumentos como “é chato, é cansativo, é bobagem, atrapalha, dificulta a compreensão”

são do texto, é difícil falar o tempo todo assim...”

“Chato” é não usar. Leia uma pequena “história” contada pelo professor e linguista Marcos Bagno:

Se uma mulher e seu cachorro estão atravessando a rua e um motorista embriagado atinge essa senhora e seu cão, o que vamos encontrar no noticiário é o seguinte: ‘Mulher e cachorro são atropelados por motorista bêbado’.

Não é impressionante? Basta um cachorro para fazer sumir a especificidade feminina de uma mulher e jogá-la dentro da forma supostamente ‘neutra’ do masculino.”

A frase está gramaticalmente correta, mas ficaria melhor com a linguagem inclusiva: **Mulher é atropelada com o seu cão** por motorista bêbado. **Mulher, juntamente com seu cão**, é atropelada por motorista bêbado. Toda e qualquer mudança é um processo, que tem o seu tempo de acontecer. É difícil usar a linguagem inclusiva? Sim e

não. Às vezes, é difícil se acostumar com algo novo. Por outro lado, na vida, estamos sempre aprendendo e reaprendendo. Aprender a usar a linguagem inclusiva é um processo, uma caminhada, que, com o tempo se torna um hábito natural na nossa fala e escrita. Se não começarmos, é impossível naturalizá-la, torná-la um hábito.

Linguagem inclusiva na Liturgia

Erli Mansk e Carmen Michel

“...o culto é feito por pessoas, por corpos vivos. E essas pessoas têm sentimentos. Elas têm emoções. São seres afetivos. Por isto, o culto também precisa alcançar os sentimentos da comunidade que celebra. A Liturgia do culto precisa, necessariamente, provocar uma atitude interior nas pessoas. A presença de Deus, através do Espírito Santo, é experimentada, sentida. Eis o mistério da fé”⁶.

Livro de Culto da IECLB



Levando em conta as emoções, os sentimentos, a racionalidade, ou seja, a individualidade das pessoas a quem nos dirigimos, a Liturgia é uma ferramenta significativa para a incorporação e prática da linguagem inclusiva.

Considerando que o uso da lin-

guagem inclusiva nos leva a repetir palavras, no feminino e no masculino, a tarefa da Liturgia torna-se desafiadora, pois é importante observar que o texto litúrgico é caracterizado por uma linguagem concisa, breve e objetiva. As frases utilizadas são curtas, sem perder a profundi-

dade e o sentido teológicos. Levamos em conta que o objetivo do texto litúrgico não é a escrita, mas a comunicação oral, direta, com a pessoa interlocutora – por isso, não empregamos frases longas e cansativas. Assim, sempre que possível, deve-se evitar repetições para não perder o foco e a atenção das pessoas que estão ouvindo. Nesse sentido, para atender a linguagem inclusiva, busca-se usar expressões genéricas, como pessoas, gente, humanidade, criaturas.

Evidentemente, em alguns momentos não conseguimos evitar repetições, mas é importante fazer o esforço de buscar termos ou tentar formulações diferentes, com sentido mais abrangentes.

Além de favorecer uma comunicação mais respeitosa, a linguagem litúrgica inclusiva reforça a dimensão comunitária da fé, na qual todas as pessoas são chamadas a participar da experiência de encontro com Deus.

Na Liturgia, tem-se a bela tarefa de moldar o texto litúrgico a cada

novo culto, de acordo com a temática do dia, o lugar da celebração, o tempo litúrgico e as pessoas presentes. Tudo o que fazemos, em nome de Deus, com a inspiração do Santo Espírito, tem como alvo a comunicação plena, envolvente, com as pessoas participantes, a comunidade. Cada pessoa é importante, cada pessoa merece a atenção e o sentimento de que Deus está se dirigindo a ela em especial, naquele dia, naquele momento. Dessa maneira, um texto litúrgico inclusivo é imprescindível para estabelecer essa relação afetiva, amorosa, respeitosa e cuidadosa. É Deus que faz uso da nossa linguagem para chegar e tocar as pessoas, suas criaturas.

A escolha criteriosa das palavras, na construção litúrgica, deve considerar não apenas a profundidade e o sentido teológico coerentes, mas também a clareza e a acessibilidade da mensagem para todas as pessoas presentes. A linguagem litúrgica inclusiva, ao reconhecer a diversidade da comunidade que celebra, contribui para que cada pessoa se sinta acolhida e pertencente à comunhão.

Linguagem não inclusiva	Linguagem inclusiva
Acolhida	
<p>1. Bom dia a todos! Chegamos ao fim do Advento! Durante as quatro últimas semanas vivemos a expectativa do Natal. Espera ansiosa por algo novo. Todos aguardam uma boa notícia, de grande alegria! Eis que o dia chegou!</p> <p>Acolhemos a cada um aqui presente. Seja bem-vindo!</p>	<p>1. Bom dia (boa tarde, boa noite)! Chegamos ao fim do Advento! Durante as quatro últimas semanas vivemos a expectativa do Natal. Espera ansiosa por algo novo. Aguardamos uma boa notícia, de grande alegria!</p> <p>Deus nos acolhe e nós nos acolhemos mutuamente. Dê um bom dia (boa tarde, boa noite) a quem está ao seu lado!</p> <p>Acolhemos e damos as boas-vindas a cada pessoa aqui presente.</p>
Saudação trinitária e apostólica	
<p>Em nome do Deus Criador, do Cristo Libertador e do Espírito que nos fortalece. Amém.</p>	<p>Em nome do Deus que cria e doa a vida, que em Jesus Cristo nos liberta, e no Espírito Santo nos fortalece. Amém.</p>
<p>Em nome de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.</p>	<p>Em nome do Materno Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.</p>
<p>A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês. Amém.</p>	<p>A graça de Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com vocês. Amém.</p>
<p>Que a graça do Deus Acolhedor, do Cristo Salvador e do Espírito Santo Consolador sejam com todos vocês.</p>	<p>A graça, a paz e o amor de Deus que nos acolhe, que em Cristo nos salva, e pelo Espírito Santo nos consola sejam com vocês.</p>
<p>Em nome de Emanuel, Deus-conosco, que se tornou homem e veio habitar entre nós, iniciamos este encontro comunitário.</p>	<p>Em nome de Emanuel, Deus-conosco, que se tornou gente e veio habitar entre nós, iniciamos este encontro comunitário.</p>

Linguagem não inclusiva	Linguagem inclusiva
Saudação trinitária e apostólica	
Em nome do Deus Criador , do Cristo Libertador e do Espírito Santo, Santificador . Amém.	Em nome de Deus que cria a vida , que em Jesus Cristo nos liberta , e pelo Espírito Santo nos santifica . Amém.
Nos reunimos em nome de Deus, Pai Amoroso e misericordioso , e de Jesus Cristo, nosso Salvador, que pelo Espírito Santo nos ilumina e conduz à vida em comunhão. Amém!	Nos reunimos em nome de Deus, que é graça e amor , e de Jesus Cristo, nosso Salvador, que pelo Espírito Santo nos ilumina e conduz à vida em comunhão. Amém!
Confissão de pecados	
... “Senhor, traz vida nova onde estamos cansados e derrotados ; novo amor onde impera a dureza de coração; perdão onde nos sentimos magoados e onde nós ferimos os outros ; e a alegria e liberdade de teu Santo Espírito onde estamos presos em nós mesmos . ⁷ ”	Deus de misericórdia , traz vida nova quando vivenciamos cansaço e derrota ; novo amor onde impera a dureza de coração; perdão onde as relações são marcadas pela mágoa . Dá-nos a alegria e a liberdade de teu Santo Espírito quando sentimos nosso coração aprisionado em nosso próprio eu.
Anúncio da graça e expressão de louvor	
“ Para todos aqueles que se arrependem de verdade, Deus pronuncia seu perdão e nos concede o direito de voltar a começar. Graças sejam dadas a Deus.” ⁸	Para todas as pessoas que se arrependem de verdade, Deus concede o seu perdão e o direito de recomeço. Graças sejam dadas a Deus.
Glória a Deus, Senhor da vida , que chama a todos à liberdade e nos ensina a amar com retidão.	Glória ao Deus da vida , que nos chama à liberdade e nos ensina a amar sem fronteiras.
Damos graças a Deus, Pai e Criador , que nutre seus filhos com força e justiça.	Damos graças a Deus, fonte da Criação , que nos nutre com ternura e justiça.

Linguagem não inclusiva	Linguagem inclusiva
Orações e meditações	
Bondoso Deus , ilumina os nossos olhos para enxergarmos o outro , liberta-nos do medo de conviver com eles .	Deus de bondade , ilumina os nossos olhos para enxergarmos as outras pessoas , liberta-nos do medo de conviver com elas .
Confessamos que, muitas vezes, o nosso olhar é ofuscado por ganância e inveja, nos tornando cegos para a Tua bondade e para as necessidades do próximo .	Confessamos que, muitas vezes, o nosso olhar é ofuscado por ganância e inveja, impedindo-nos de perceber a Tua bondade e as necessidades das pessoas e de toda a Criação .
O olhar que temos sobre o outro , sobre a vida e até sobre nós mesmos é uma escolha que define nossa experiência e nossa convivência no mundo.	O olhar que temos sobre as pessoas , sobre a vida e sobre nós mesmas e nós mesmos é uma escolha que define nossa experiência e nossa convivência no mundo.

Linguagem inclusiva na Comunicação e em documentos institucionais

“

Com o objetivo de resgatar a história de uma paróquia, um grupo de mulheres assumiu a tarefa de olhar documentos oficiais e registros, como atas e outros materiais. Espantadas, verificaram que ali não apareciam nomes das lideranças femininas, somente os nomes dos homens que atuaram na paróquia.

– O sentimento é que a história das mulheres foi perdida. Em todos os documentos, fomos “incluídas” como “membros” da Diretoria, por exemplo. Além disso, encontramos muitas referências a homens, ministros e outros, de forma nominal, mas quando se tratava das mulheres, éramos “a presidente da paróquia”, “as mulheres da OASE”, “a mulher do pastor”. Simplesmente desaparecemos.

Documentos e materiais de divulgação expressam a vida e a missão da IECLB. Por isso, é essencial que utilizem uma linguagem que acolha e represente todas as pessoas que fazem parte da caminhada da Igreja. A linguagem inclusiva fortalece a comunicação e reflete o cuidado nas relações.

Ao adotar essa prática, a IECLB concretiza sua Meta Missionária⁹ na área de Gestão, que orienta a aprimorar processos com ética, clareza e participação. Atualizar documentos e comunicações é um gesto de coerência com o Evangelho e de compromisso com uma gestão transparente, justa e acolhedora.

Linguagem não inclusiva	Linguagem inclusiva
Materiais de divulgação, correspondências, cargos e outros documentos institucionais	
Os membros da diretoria do Conselho Sinodal e das demais comissões do Conselho não serão remunerados pelo exercício dos cargos que ocupam.	Pessoas eleitas para a Diretoria do Conselho Sinodal e demais comissões do Conselho não serão remuneradas pelo exercício dos cargos que ocupam.
	Membras e membros eleitos para a Diretoria do Conselho Sinodal e demais comissões do Conselho não receberão remuneração pelo exercício dos cargos que ocupam.
	Observação: A palavra membra é um substantivo feminino reconhecido pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp) , da Academia Brasileira de Letras (https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario) e pelo dicionário Houaiss.
Cabe ao presidente da Diretoria do Conselho Sinodal tomar todas as providências para este fim.	Cabe à Presidência da Diretoria do Conselho Sinodal tomar todas as providências para este fim.
	Cabe à pessoa que preside a Diretoria do Conselho Sinodal tomar todas as providências para este fim.
	Cabe à presidenta ou ao presidente da Diretoria do Conselho Sinodal tomar todas as providências para este fim.

Linguagem não inclusiva	Linguagem inclusiva
Materiais de divulgação, correspondências, cargos e outros documentos institucionais	
Assessores/o assessor	Assessoria Equipe assessora A assessora e o assessor
Orientadores/o orientador	Orientação Equipe orientadora A orientadora e o orientador
Diretor/os diretores	A Direção A Diretoria A diretora e o diretor
Coordenadores/o coordenador	A Coordenação Equipe coordenadora A pessoa que coordena A coordenadora e o coordenador
Os Ministros	As Ministras e os Ministros Representantes do ministério com ordenação
Designação de ministros é reservada aos bacharéis em teologia	Designação de ministras e ministros é reservada às pessoas bacharéis em teologia
Pastor Sinodal/Pastores Sinodais	Pastora Sinodal e Pastor Sinodal Pastoras Sinodais e Pastores Sinodais
Os estudantes	Estudantes As estudantes e os estudantes Discentes
Os professores	As professoras e os professores Docentes
...cuidar que seus filhos sejam batizados e educados na fé cristã, e confirmadosassegurar que susas crianças sejam batizadas, educadas na fé cristã e confirmadas .

X e @ – incluem?



*-Todxs interessadxs podem se inscrever na biblioteca.
– Noss@s filh@s também?*

A colocação de novas marcas no final das palavras – como x e @ – tem sido usada como alternativa para marcar a neutralidade na linguagem. No entanto, a tentativa se mostra insatisfatória, uma vez que tem pronúncia duvidosa. Além disso, processadores de textos, como os leitores de tela

utilizados por pessoas com deficiência visual, não conseguem “ler” esse formato. Da mesma maneira, não alcança pessoas com alfabetismo elementar, em processo de aprendizagem de leitura ou que não tenham sido informadas sobre o significado específico desses códigos.



*E, talvez, o mais importante:
“seu uso não promove uma
real mudança na maneira de
pensar mais inclusivamente.
Não faz muito sentido ser
neutro sem ser inclusivo”¹⁰*

E sobre o uso do “e”?

– Olá amigues! Sejam todes muito bem-vindes!



Ao contrário das opções pelo x e pela @, palavras finalizadas com “e” podem ser lidas e são pronunciáveis. O uso do sufixo “e” como marcação de gênero não binário surgiu para atender a demandas identitárias de pesso-

as assim identificadas, isto é, não binárias¹¹. Mas há quem defenda o uso da forma para se referir a todas as pessoas, na proposta de linguagem inclusiva, o que é questionado por algumas pesquisadoras e pesquisadores:

“

Neste caso, a suposta neutralidade do masculino é simplesmente substituída pela suposta neutralidade do uso do “e” – mais uma vez, o gênero feminino é apagado e marginalizado. [...]

Além disso, essa forma tem sido usada para codificar duas regras: gênero neutro e linguagem neutra de gênero, coisas completamente diferentes.¹²

Como dito no início, o objetivo deste manual é orientar sobre o uso das palavras femininas, masculinas e genéricas. No que

se refere ao uso do “e”, a discussão é mais profunda, e deve envolver pessoas e conhecimentos específicos.

Outras questões

Comunicação não violenta



- *A sala está sempre desarrumada, você não consegue deixar as coisas no lugar.*
- *E eu não aguento mais essa eterna reclamação! Me deixa em paz!*

Pronto, o conflito já está armado. Não existe empatia nessa troca, pois é a maneira que estamos acostumadas e acostumados a pedir e a reagir. A comunicação não violenta ensina a olharmos para os nossos próprios senti-

mentos e para os sentimentos das outras pessoas. O que se sente ao ver a sala, um ambiente “coletivo”, eternamente desorganizada? E por que a outra pessoa se sente intimidada, cobrada – e incomodada?



- *Manter a casa organizada é responsabilidade nossa. Fico cansada de assumir mais esta tarefa sozinha, além de todas as outras que já tenho. E fico triste quando, por causa disso, trocamos acusações e palavras que só machucam. Podemos achar um jeito de nos acertarmos para que isso aconteça de maneira mais equilibrada? Você pode contribuir de algum jeito?*

Para a comunicação não violenta, o primeiro movimento é olhar para nossos sentimentos. “Eu fico cansada e triste” revela o que estou sentindo. O segundo movimento é propor uma combinação que funcione dos dois lados. “Como podemos resolver isso?”

A comunicação não violenta foi desenvolvida pelo psicólogo americano Marshal Rosenberg, a partir do seu interesse em novas formas de comunicação que oferecessem alternativas pacíficas à violência. Ele usou o “método” pela primeira vez em 1960, para oferecer mediação e treinamento em habilidades de comunicação. Em 1984, fundou o Center for Nonviolent Communication, que apoia a disseminação da proposta em todo o mundo.

“A comunicação não violenta nos inspira a nos doarmos de coração. E também nos ajuda a nos conectar à nossa divindade interior e ao que existe de mais vivo dentro de nós. Podemos dizer que a comunicação não violenta é o idioma da compaixão, mas, na verdade, ela é uma linguagem de vida na qual a compaixão surge naturalmente.”¹³

Assim como a linguagem inclusiva de gênero, a comunicação não violenta exige (des)construir formatos aprendidos a partir dos contextos nos quais vivemos, daí que ouvimos e o que achamos “normal”. É um processo de repensar, de repreender, de reconstruir, e como todo processo, exige boa vontade, decisão e investimento para sua aprendizagem.

“A comunicação não violenta é um modo de ser, de pensar, de viver. Seu propósito é inspirar conexões sinceras entre as pessoas, de modo que todas sejam atendidas por meio da doação compassiva.

Comunicação violenta	Comunicação não violenta
Odeio a forma como você dirige. Andando deste jeito, vai causar um acidente.	Sinto medo do jeito como você dirige. É possível ir mais devagar?
Sua apresentação está ruim, ninguém vai entender nada.	Estou com dúvidas sobre a sua apresentação. Você se incomoda de olharmos juntas e fazermos alguns ajustes?
Preciso que você se acalme, assim não consigo trabalhar.	Preciso de um pouco de tranquilidade para focar no meu trabalho, pois a tarefa está bem exigente.
Pare de gritar!	Não me sinto bem com você gritando comigo. Podemos falar com calma?
Você falou o tempo todo na reunião, não deu espaço para mais ninguém.	Para mim, é importante ouvir a opinião de todas as pessoas que participam da reunião. Podemos combinar um tempo menor para você falar da próxima vez?

Combatendo preconceitos, desconstruindo o racismo e o capacitismo

O ato de ofender ou desvalorizar pessoas, julgando o que são capazes de fazer ou não, é uma forma de racismo, capacitismo¹⁴ e violência. Aqui estamos falando sobre pessoas com deficiência, pessoas negras, pessoas indígenas, pessoas de grupos minoritários no Brasil que têm outra língua

e cultura, além do português e da cultura brasileira.

É bom lembrar novamente do poder das palavras e sobre como elas repercutem de maneira positiva ou negativa na vida das pessoas. Um ditado popular aconselha – coloque-se no lugar da outra pessoa!

Nem sempre é intencional o uso de expressões preconceituosas contra pessoas com deficiência, pessoas negras ou pessoas indígenas.

No entanto, argumentos como “aprendi assim”, “qual o proble-

ma?” ou “todas as pessoas falam isso” não ajudam a desfazer o que não está certo e não é justo. É preciso tirar algumas palavras e expressões do vocabulário, mas também refletir sobre o que representam nas nossas vidas.



Duas amigas esperavam o início do culto na frente do templo, e uma delas comentou:

– Olha aquela senhora na cadeira de rodas.

Como vai entrar na igreja assim? E não é só ela, muitas pessoas deficientes têm dificuldades semelhantes. A resposta veio rápida:

– Primeiro, ela tem uma deficiência, ela não é deficiente. Aliás, vivendo numa sociedade que não se prepara para acolher as pessoas com deficiência e nem as pessoas idosas, imagino que essa senhora tenha suas estratégias para entrar nos locais. Imagine quantos obstáculos ela precisa superar!



Capacitismo é uma forma de preconceito dirigida às pessoas com deficiência, baseada na ideia equivocada de que elas são menos capazes, inferiores ou que não podem participar plenamente da vida social.

Pessoas com deficiência		
Pensamentos e expressões capacitistas	Por que não usar	Usar
Pessoa deficiente, pessoa portadora de deficiência, pessoa portadora de necessidades especiais	Desconsidera a identidade e desvaloriza a pessoa. As pessoas não são deficientes, elas são pessoas com deficiência.	Pessoa com deficiência
Criança ou pessoa adulta excepcional, especial	Palavras pejorativas e desumanizadoras.	Criança ou pessoa adulta com deficiência
Pessoa normal	Todas as pessoas, com ou sem deficiência, são normais por definição.	Pessoa sem deficiência
Pessoa surda-muda	A mudez não está relacionada à surdez. Muitas pessoas surdas no Brasil conhecem a língua brasileira de sinais (Libras) e fazem a vida satisfatoriamente com esse repertório.	Pessoa surda
Ceguinha	O diminutivo denota desvalor e incompletude.	Pessoa com deficiência visual ou pessoa cega
Pessoa retardada ou pessoa deficiente mental	Palavras pejorativas e desumanizadoras.	Pessoa com deficiência intelectual

Pessoas negras		
Pensamentos e expressões racistas	Por que não usar	Usar
Denegrir (manchar a reputação)	O termo vem do latim <i>denigrare</i> , que significa “tornar negro” ou “escurecer”. Historicamente, foi associado a conotações negativas, ligando a cor preta a algo ruim ou desonroso. Seu uso reforça estereótipos racistas, associando a negritude a algo negativo, o que torna sua utilização inadequada nos dias de hoje.	Difamar, caluniar
Criado mudo	Muitas pessoas chamam assim o móvel colocado na cabeceira da cama. Esse nome vem de uma das tarefas desempenhadas pelas pessoas escravizadas, dentro da casa das senhoras e senhores brancos, que era segurar as coisas para suas “donas” e seus “donos”. Como a empregada ou o empregado não podia fazer barulho para não atrapalhar as pessoas da casa, era considerada muda ou considerado mudo. Logo, essa expressão se refere a essas pessoas.	Mesa de cabeceira

Pessoas negras		
Pensamentos e expressões racistas	Por que não usar	Usar
A coisa tá preta	A fala racista se reflete na associação entre “preta” e uma situação desconfortável, desagradável, difícil, perigosa.	Está bem difícil
Ovelha negra	Termo muito usado para descrever uma pessoa de má reputação em um grupo, especialmente dentro de uma família.	Rebelde
Serviço de preto	Associação racista ao resultado do trabalho.	Tarefa malfeita/realizada de maneira errada

Pessoas indígenas ¹⁶		
Pensamentos e expressões racistas	Por que não usar	Usar
Índio	A palavra não considera características, valores, cultura e diversidade desses povos.	Indígena, povos indígenas, comunidades indígenas, povos originários.
Tribo	Reduc a diversidade indígena, ignorando as diferentes línguas e costumes dos povos.	Etnia, povo

Pessoas indígenas		
Pensamentos e expressões racistas	Por que não usar	Usar
Mas índio tem celular? E sabe usar?	O fato de as pessoas indígenas aderirem à tecnologia ocidental não elimina sua história e ancestralidade.	A tecnologia nos conecta
Você tem mesmo doutorado? De universidade? E sabe falar inglês?	Origem étnica não é parâmetro para medir a capacidade de uma pessoa.	Parabéns pela conquista! Que outras pessoas também possam conseguir.
Indígenas atrasam o desenvolvimento econômico.	As contribuições sociais, educacionais, científicas e culturais dos povos indígenas, compartilhadas de maneira generosa, são fundamentais para o desenvolvimento sustentável.	Precisamos aprender muito com vocês. Os povos indígenas merecem reconhecimento por viverem em harmonia com a natureza.

Revisão feita por **Camila Puruborá¹⁵**



O Brasil é conhecido no mundo inteiro como um país que se esforça para receber com afeto pessoas estrangeiras de várias localidades do mundo e que fazem do nosso país a sua residência. Todo esse afeto pode – e deve – ser demonstrado com quem nasceu e mora aqui.¹⁶

Dinâmicas de formação

Júlia Rovena Witt¹⁷



LUZ E VOZ PARA NÓS!

Objetivo: visibilizar a presença das diversidades no grupo e a potência gerada quando todas as pessoas são vistas, incluídas e visibilizadas, por meio da linguagem inclusiva de gênero.

Material necessário: velas flutuantes (uma para cada pessoa do grupo), uma bacia ou outro recipiente largo com água (em que sirvam todas as velas), fósforo ou isqueiro. Dica: realizar a atividade no período da noite deixa a experiência sensorial mais interessante.

Desenvolvimento: solicitar que as pessoas formem um círculo (podem estar em pé ou sentadas, em um círculo de cadeiras previamente organizado no espaço). No centro, está a bacia com água e, ao redor desta, as velas. Esses elementos podem estar dispostos diretamente no chão ou sobre uma mesa central. Pode-se colocar uma música ambiente suave ao fundo.

A pessoa que está mediando a dinâmica inicia solicitando que todos os homens cheguem ao centro, escolham uma vela, a acendam, coloquem-na acesa na bacia, percebam a luminosidade, sintam o calor gerado pelas velas e retornem ao círculo.

Perguntar ao grupo o que estão vendo, percebendo, sentindo, com essas velas acesas. Em seguida, convidar as mulheres do grupo, para que façam esse mesmo movimento, de ir ao centro, acender uma vela, colocá-la flutuando na bacia, junto das outras, e perceber a intensidade da luz, sentir o calor gerado pelo conjunto das velas acesas.

Assim que todas retornam ao círculo, perguntar novamente ao grupo sobre o que estão vendo e percebendo. E trazer mais algumas questões para reflexão:

- *O que aconteceu quando as mulheres também foram chamadas para colocar suas velas na bacia? Alguma coisa mudou?*
- *O que aconteceria se somente os homens tivessem sido chamados a colocar suas velas? A intensidade do calor e da luminosidade gerada pelo conjunto seria a mesma?*
- *O que vocês percebem/sentem/refletem a partir dessa experiência?*

Após esse momento de diálogos e trocas a respeito da dinâmica, convidar o grupo a ouvir uma pequena estória, escrita por Eduardo Galeano, chamada “O mundo”.

“

O mundo

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas.

— O mundo é isso — revelou — Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo.

Eduardo Galeano, em O Livro dos Abraços.

Convidar as pessoas a partilharem suas impressões e pensamentos a respeito da estória. Concluir trazendo a reflexão da importância desse “mar de fogueirinhas” diverso, em que não existem duas fogueiras iguais. Um mar no qual cada uma tem fundamental importância de ser chamada e nomeada, para que possa ter visibilidade e para que a luz gerada no coletivo tenha expressividade e força, incluindo e acolhendo a luminosidade e a voz de cada pessoa.

Acesse outras dinâmicas de formação para o uso da linguagem inclusiva na IECLB no *link* <https://www.luterano.org.br/manual-da-linguagem-inclusiva/> e por meio do *QR Code*



Notas

¹ Samira Rossmann Ramlow, bacharela em Teologia, especialista em Ministério Eclesiástico na IECLB, estudante do mestrado acadêmico em Teologia no Programa de pós-graduação da Faculdades EST. Pastora Carmen Michel, Coordenadora de Gênero, Gerações e Etnias da Secretaria da Ação Comunitária da IECLB.

² Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres Manual para o uso não sexista da linguagem – o que bem se diz bem se entende. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2014.

³ Política de Justiça de Gênero da IECLB. Editora Sinodal: São Leopoldo, 2021, p. 5.

⁴ Carmen Rosa Caldas-Coulthard. Caro Colega: Exclusão Linguística e Invisibilidade. Discurso & Sociedad, v. 1, n. 2, 2007, p. 237.

⁵ Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres Manual para o uso não sexista da linguagem – o que bem se diz bem se entende, Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2014, p. 24.

⁶ Livro de Culto da IECLB. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2003, p. 39.

⁷ Livro de Culto da IECLB. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2003.

⁸ Idem.

⁹ Metas Missionárias da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil 2025-2030. O documento define as prioridades que orientam o planejamento missionário, com foco na vitalidade comunitária e no crescimento integral da IECLB. Elas reforçam o compromisso com o testemunho público da Igreja em prol da paz, da justiça, da integridade da Criação e da vida digna e abundante (João 10.10). Disponível em

<https://www.luterano.org.br/metas-missionárias-2025-2030/>.

¹⁰ André Fischer. Manual prático de linguagem inclusiva. São Paulo, 2020, p. 7.

¹¹ Pessoa binária: que não se identifica com a identidade de gênero masculino ou feminino.

¹² Raquel Ko Freitag. Conflito de regras e dominância de gênero. In: Barbosa Filho; Ávila Othero (org.). Linguagem “neutra”. Língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022, p. 54 e 65.

¹³ Marshal Rosenberg, Vivendo a comunicação não violenta. Rio de Janeiro: Sextante, 2019, p. 7.

¹⁴ Capacitismo: preconceito com pessoas com deficiência, quando se julga que não são capazes ou são inferiores.

¹⁵ Material revisado por Camila Puruborá, Fundação Luterana de Diaconia.

¹⁶ Instituto Federal Roraima. Mini Cartilha Antirracismo Indígena, 2022, p. 9.

¹⁷ Dinâmicas elaboradas por Júlia Witt, assessora de projetos da Fundação Luterana de Diaconia.

Sugestões de leitura e links

1. Barbosa Filho, F. R.; Othero, G. A. (org.). **Linguagem “neutra”**. Língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022.
2. BRASIL. Agência Nacional de Saúde Suplementar. **Guia ANS de Diversidade**. Disponível em: https://www.gov.br/ans/pt-br/arquivos/acesso-a-informacao/transparencia-institucional/planos-de-gestao-de-logistica-sustentavel/copy_of_GuiaANSdediversidadeincluso.pdf.
3. BRASIL. Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. **Linguagem inclusiva**. Disponível em: <https://www.gov.br/gestao/pt-br/assuntos/inovacao-governamental/gestao-de-carreiras/lins/linguagem-inclusiva>.
4. BRASIL. Ministério da Saúde. Fiocruz. **Guia de acessibilidade comunicacional**: acessibilidade na comunicação para a atenção integral à saúde das pessoas com deficiência Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoa-com-deficiencia/publicacoes/Guia_Acessibilidade_Comunicacional.PDF.
5. BRASIL. Senado Federal Brasi-
leiro. **Manual de Comunicação da Secretaria de Comunicação**: Linguagem Inclusiva. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/linguagem-inclusiva#:~:text=A%20linguagem%20inclusiva%20evita%20o,representatividade%20de%20todas%20as%20pessoas>.
6. BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Expressões racistas**: por que evitá-las. Disponível em: <https://www.gov.br/antt/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/governanca/governanca-publica/integridade-1/guias-e-demais-referencias-em-integridade-publica/outras-referencias/expressoes-racistas-por-que-evita-las/view>.
7. Caldas-Coulthard, Carmen Rosa. **Caro Colega**: Exclusão linguística e invisibilidade. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/146689/1/Discurso %26Sociedad_2007_1_2_02.pdf.
8. Federação Luterana Mundial. **Política de Justiça de Gênero**. Disponível em: https://lutheranworld.org/sites/default/files/2022-02/dtpw-wicas_gender_justice-pt.pdf.

9. Fischer, André. **Manual prático de linguagem inclusiva.** Uma rápida reflexão, 12 técnicas básicas e outras estratégias semânticas. Disponível em: https://irp-cdn.multiscreensite.com/87bdaac3/files/uploaded/manualplinguageminclusiva_neo.pdf.
10. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres. **Manual para o uso não sexista da linguagem – o que bem se diz bem se entende.** Disponível em: https://issuu.com/maecomfilhos/docs/1407514791_manual_para_uso_n_o_sex.
11. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. **Política de Justiça de Gênero.** Disponível em: <https://www.luterano.org.br/politica-de-justica-de-genero-da-igreja-evangelica-de-confissao-luterana-no-brasil-ieclb/>.
12. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Secretaria de Ação Comunitária. Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias. **Estudos sobre Gênero.** Disponível em: <https://www.luterano.org.br/estudos-sobre-genero-introducao/>.
13. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Secretaria da Ação Comunitária. Comunidades Criativas. **Oficina sobre técnicas de prevenção de conflitos com pessoas adultas.**
14. Instituto Federal Rondônia. **Mini cartilha antirracismo indígena.** Disponível em: https://atilauno.com.br/wp-content/uploads/2023/04/Mini_Livro_Antirracismo_Indigena__.pdf.
15. Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST; Fundação Luterana de Diaconia. **Caderno Justiça de Gênero e Diaconia Transformadora:** superando violências e preconceitos. Disponível em: <https://fld.com.br/wp-content/uploads/2019/06/Cartilha-Genero-e-Diaconia-EST.pdf>.
16. Rede Portuguesa de Jovens Para a Igualdade de Oportunidades Entre Mulheres e Homens. **Kit Pedagógico sobre Gênero e Juventude.** Juventude Educação não formal para o mainstreaming de gênero na área da juventude. Disponível em: https://tk.redejovensigualdade.org.pt/kitpedagogico_rede.pdf.
17. Ribeiro, Stephanie. **Em boca fechada não entra racismo: 13 expressões racistas que devem sair do seu vocabulário.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/em-boca-fechada-nao-entra-racismo-13-expressoes-racistas>

- expressoes-racistas-que-devem-sair-
-seu-vocabulario/?amp=1&gad_sour-
ce=1&gclid=CjwKCAiAzPy8BhBoEiwA
bnM9O-HF37SsyPdLhGnlN7Dme1u-
3zqfid_J9GN6kOIBt46mqg4fNOAB-
VdhoC52wQAvD_BwE.
18. Rosenberg, Marshall. **Vivendo a comunicação não violenta**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
19. Tourinho, Francis Solange Vieira. **Tire o racismo do vocabulário**. Glossário de palavras racistas e suas substituições. Disponível em: https://oppep.ifrn.edu.br/media/Gloss_rio_de_palavras_racistas_e_suas_substitui_es_1671272515.pdf.

Agradecimentos

A construção do Manual do uso da linguagem inclusiva na IECLB contou com a colaboração e leitura de inúmeras pessoas, a quem agradecemos de forma especial:

Alexander Roberto Busch, Ana Isa dos Reis Costella,
Anelise Lengler Abentroth, Camila Puruborá,
Carla Vilma Jandrey, Carlos Gilberto Bock,
Daniela Hack, Irma Carolina Wojahn, Ema Dunk Cintra,
Emilio Voigt, Erli Mansk, Ligiane Taiza Müller Fernandes,
Gabriela Giese, Marli Lutz, Marcia Blasi, Marli Brum,
Martina Wrasse Scherer, Olmiro Ribeiro Junior,
Paulo Afonso Butzke, Samira Rossmann Ramlow, Sandra
KamienTehzy, Sílvia Beatrice Genz e Rosane Philippsen.

Essas contribuições refletem o caráter dinâmico do material. O Manual do uso da linguagem inclusiva na IECLB é vivo e está em constante movimento — transforma-se junto com a linguagem e com as pessoas que nela se reconhecem.

Oração

Deus de amor.

Para todas as pessoas que conhecem a figura paterna como fonte de amor, te chamamos de Pai.

Para todas as pessoas que conhecem a figura materna como fonte de amor, te chamamos de Mãe.

Sabemos que são formas limitadas e humanas de nos expressar. Tu és isso e muito mais.

Tu és Pai, Mãe, Irmão, Irmã, Amigo, Senhor, Javé, Emanuel, Deus conosco.

Tu és luz, és rocha, és fonte eterna de amor, és brisa, Ruah...
Tu és o que és e o que quiseres ser para nos fazer bem.

A forma como te nomeamos e chamamos quer expressar, para nós mesmas e para outras pessoas, a relação de fé, amor, cuidado e confiança mais profunda que temos contigo.

Te agradecemos por essa relação. Que ela se fortaleça e possa ser expressa na relação com toda a Criação.

Que também possa confrontar e corrigir as relações que não são o que deveriam ser, de acordo com o teu querer.

Amém.

Pa. Stéfani Niewöner

ISBN: 978-65-5600-111-1

A standard linear barcode is positioned at the top right of the page.



FORTALECIMENTO DA
AÇÃO COMUNITÁRIA



IECLB



Manual do uso da **línguagem inclusiva** na IECLB e outras questões



